

# O PANORAMA,

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO.

## INTRODUÇÃO.



PANORAMA vae entrar no decimo anno da sua existencia. Fundado em 1837 e continuado sem interrupção até 1844, o exito mais feliz tinha-o acompanhado na sua peregrinação, honrosa diante da sorte usual dos jornaes, cuja vida é curta, em quanto o gosto da leitura se não propaga, tornando-se a necessidade de todas as classes.

Rompendo com perseverança uma carreira ainda nova alcançara o mais difficil, quando cessou de repente, e lhe cortaram em flôr as legitimas esperanças de uma longa e segura existencia! E que nenhuma folha obtivera nunca um numero de leitores igual aos que elle contava no momento em que desapareceu. E que estimada, bem quista e familiar chegou a entrar em todas as moradas,

e a ser a companhia do operario e do abastado, do erudito e do curioso. Accommodado á capacidade geral, variado pela escolha dos assumptos, ensinando sem se fazer pesado, deleitando sem esquecer o fim moral e a idéa litteraria, reunia as condições precisas para attrahir o acolhimento benevolo com que o recebiam e festejavam.

Os perigos da infancia venceu-os quasi a sorrir; os obstaculos da virilidade cortou-os sem embarço; por desgraça no momento em que avistava o porto, em que tudo lhe promettia duração e prosperidade, é que se afundou de subito deixando um nome que já não pôde ser omitido na historia intellectual, e o vasto repositorio de estudos concisos e populares, em que o amor da nacionalidade e o culto da patria realçam em quadros que o tempo não ha de consumir.

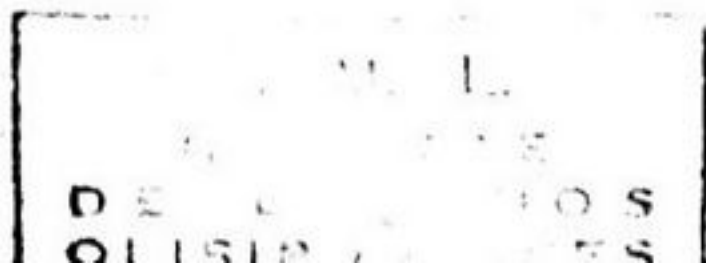
Fallamos sem receio, porque a gloria da primeira empresa nos não pertence. O architecto que levantou os alicerces e creceu com o edificio acabou saudado como mestre pela geração, que os seus conselhos e exemplos educaram. O auctor de *Eurico* e do *Monge de Cister*, foi o creador do romance e da lenda historica entre nós; o introductor da leitura arcaica e scientifica; o verdadeiro e applaudido generalizador de uma publicação, cuja difficuldade não conhecem bem senão os que depois d'elle se abalancaram a continuar a obra. A critica e o juizo pratico necessarios para não entristecer nem alegrar de mais a physionomia do jornal; para o conter de modo, que não se incline para a erudição das grandes *Revistas*, cujas proporções admittem largura de desenho, nem se desvaire tão pouco nos esboços levianos, incorrectos, e sem utilidade das folhas epheme-

ras, formam o grande escolho onde têm naufragado os periodicos dedicados á instrucção do povo.

Unir a ligão á variedade, mover os affectos sem ostentação, robustecer o sentimento nacional pela invocação dos dias heroicos da patria, e pela memoria dos homens illustres; conhecer e applicar a idéa moral e a idéa religiosa, fallando de Deus, dos deveres sociaes e das obrigações christãs, sem fanatismo, e com sincera crença, eis o objecto e o sentido de um semanario, que semelhante ao bom pastor catholico deve ter a piedade no coração e o riso nos labios; a doutrina nas obras, e a mansidão na bôca; não fazendo alarde do saber nem do ensino, timbrando sobre tudo em ser portuguez e verdadeiro nos costumes, nas intenções, e nas palávras para que o entendam e o chamem aquelles que deseja captar. Este pensamento, que foi o do antigo *Panorama*, e lhe ganhou a amisade das capitães e das provincias, será observado pelos continuadores do actual. A estrada, que estava aberta e que tão agradável era de seguir não a hão de deixar, preferindo outra incerta e sujeita a obscuros desvios. Os conhecimentos uteis, os estudos moraes, as noções indispensaveis das sciencias e das artes servirão de assumpto aos artigos apar das indagações archeologicas, das pinturas de costumes e de caracteres, que retratem o viver e crer de outros seculos.

Estas promessas de certo pôdem parecer superiores ás forças de quem as empenha; porém o seu desejo ardente de as cumprir, supprirá quanto possível a falta de sufficiente cabedal de sciencia e de talento. Mesmo a grande distancia dos primeiros fundadores ainda ha gloria em lhes succeder.

A civilização é o lavor humano, e o destino permanente da sociedade. No meio da confusão das linguas, da diversidade das raças, e da desigualdade de aptidões e de meios, os povos do mundo não levantam a mão da obra, a que uma vontade superior os sujeitou. O progresso vae adiante das gerações, chamando-as e estimulando-as para que não párem, nem se interrompam. Quando uma expira, e se perde no passado, a que está atraz toma o seu lugar, e tudo prosegue do mesmo modo. Uma nuvem espessa encobre o futuro; ninguem vê o plano, nem conhece as proporções do que edifica. Os principes da intelligencia, os reis da industria, os refundidores de codigos concorrem com a sua parte para a tarefa commum, e adormecem depois, não sabendo que de um acto ou de uma palavra sairá a força e o espirito do seculo immediato. N'este drama agitado e doloroso não ha papeis inuteis, nem engenhos privilegiados. O livro e o jornal encontram-se na esphera da razão como o plebeu e o aristocrata na convivencia da liberdade. A ninguem é licito resuscitar o monopolio das antigas universidades. O saber tanto desce dos





renaculos academicos como sobe do aposento humilde do escriptor, até ali desconhecido e de repente exaltado. A republica das letras queimou o livro de ouro feudal com que imitava a Veneza patricia do Adriatico. Agora celebra os seus comicios, verifica os titulos dos candidatos, e não concede a palma senão a quem a cortou pela constancia e pela superioridade.

E por isso que o *Panorama* entra na lucta com esperanza. O logar modesto, que lhe basta, tem a consciencia de que poderá servir-o com proveito. A outros mais capazes os estudos sublimes, as empresas arriscadas, os descubrimentos admiraveis; não os inveja, preza-os como novos thesouros addicionados ás riquezas accumuladas da sciencia. Em quanto os cedros gigantes desafiam o céu com a cabeça, a folha popular chega-se á terra, aproxima-se dos pequenos como ella, dá-lhes alimento e frescura sádia, e se não sente o orgulho dos trophéus, não se arrisca tambem aos desastres da audacia. A experiencia ensinou-lhe o caminho; e as convulsões em que viu cair alguns luctadores, por excederem as forças, advertiu-a de que lhe cumpria conservar-se aonde esteve, aonde cresceu, e aonde foi amada!

Se a fortuna lhe não voltar as costas, o favor que espera será a sua recompensa, e uma vida pacifica e igual, semelhante á anterior, proporcionar-lhe-ha os meios de se aperfeiçoar gradualmente sem perder de vista as qualidades, que devem formar o seu caracter. A sua ambição é voltar aos casaes e ás aldéas aonde entrava como amigo desejado, para recrear na leitura da noute o descanso do trabalho e os ocios do dia santificado. Se o operario e o lavrador lhe abrirem os braços e tornarem a conhecê-la, se nossos irmãos da America a animarem como d'antes, que mais pôde desejar para ser fiel ao seu pensamento e á sua origem? Mudar de nome e de existencia? Os braços do seu berço não os troca por nenhuns! A honra pouco ostentosa, porém fecunda, dos nove annos de serviços, que lhe competem, vale bem outras glorias estrepitosas. Filho do povo e creado para o povo, quer viver e acabar, sem trahir a sua idéa, nem descreer a sua força.

O *Panorama* continúa com os recursos necessarios para esperar, que o tempo lhe restitua as sympathias, que a sua interrupção lhe houver alienado. Concluindo o nono volume, e encetando o decimo, está em circumstancias de affiançar, que não se renovarão os revezes, que o flagellaram nos ultimos tempos. Achase ao abrigo de qualquer subito furacão; e cabe-lhe accrescentar mesmo que nenhuns esforços serão poupados para que a execução material corresponda ao que tem sido e deve ser. Quanto á composição intellectual não pôde offerecer mais do que desejos e vontade. O publico, juiz imparcial, decidirá se a redacção entende e applica bem o pensamento civilizador que inspira uma publicação d'esta natureza. Se o passado serve de fiador, a protecção que encontraram os numeros publicados este anno, permite-nos conceber alguma esperanza, e suppor que não se errou tanto como se receiava. O futuro, porém, é que ha de pronunciar a verdadeira sentença.

L. A. REBELLO DA SILVA.

## ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

### CAPITULO III.

*Nem sempre a voz do povo é voz de Deus.*

TRES dias esteve silencioso o antigo castello. Ao quarto o novo rei, montado no guapo andaluz, atravessou a cidade com uma sobreveste de almafega branca (1) sobre a cotta de cavalleiro, em signal de luto. Levava os olhos no chão, e o rosto melancolico descaía-lhe sobre o peito. Os que o acompanhavam compunham-se pelo exemplo do principe; e como sempre acontece, queriam ser tão zelosos na representação da sua dôr, que as roupas e os gestos se tornavam uma verdadeira visagem da tristeza.

Vendo passar o rei, "os homens da rua" (assim eram chamados os que não descendiam da nobreza) conchegando-se nas capas escuras, e apertando a cinta dos compridos saiotes diziam uns para os outros:

— "Valha-nos Deus! Nome Santissimo de Maria! Haverá novidade? El-rei saír tão cedo, tendo ainda hontem enterrado o pae? . . ."

— "São levantamentos de ricos homens."

— "Foram motins dos homens do Porto com o bispo?!"

— "Falla-se, que os infantes querem saír do reino. . ."

— "E que as infantas, Deus as guarde! não hão de entregar os castellos."

— "Qual! E o legado do papa. Vem levantar a excommunhão a el-rei D. Sancho."

— "Não sabem? . . . O rei mouro passou o mar; está em Sevilha! . . ."

— "Sevilha é maravilha. . . Não lhe mette lança a mourisma por mais barbada."

— "O caso é que el-rei saíu. . ."

— "E verdade!"

— "O que será?"

E acotovelavam-se, pizavam-se, e muitos cochichavam, avultando já em alguns as roscas tremulas de duas barbas, e a rotundidade de ventres escrupulosamente municipaes.

Graças a Deus, os agouros das pegas de Coimbra eram falsos; tudo corria em santa paz. Os fiscaes das portas cobravam o direito do vinho e da carne em toda a suavidade das pautas do concelho. A guerra, se vinha pelo caminho, vinha tropega e muito de vagar. Nenhum dos que deviam acudir ao appellido (chamamento ás armas) fôra avisado para estourar as grevas (2) e o lorigão de couro (3) enzezinado, pendentes quaes trophéus opimos do gancho da afumada lareira! Estava-se em ferias de motins, de excommunhões, e de lançadas.

Que novidade era esta, pois, que arrancava tão cedo o rei aos braços dos seus amados vassallos de Coimbra?

Sua Mercê (4) vae perto ainda, honrados paroleiros da cidade; e uma corrida nunca fez mal; sigam-no, e pergunte o mais curioso. — "O que fez

(1) Fazenda empregada no luto dos vestidos. Era uma especie de burel branco e grosso.

(2) Armadura defensiva das pernas, feita de couro forte para os plebeus.

(3) Saia de malha tecida de loros de couro, e mais ampla do que a loriga.

(4) Dava-se tambem então este tratamento ao rei.



esta boa gente a sua real senhoria para nos deixar, e em tal dia, e a tal hora?"

Mas o leitor quer saber... É outra coisa então; vamos informal-o. Affonso II saía de Coimbra, porque não queria ter diante dos olhos mais tempo a casa aonde perdêra seu pae, nem sentir nos ouvidos os gemidos e prantos das carpideiras, chorando sem repouso sobre o seu leito vasio.

Era um motivo natural; mas os homens curues da cidade, se lh'o allegassem, riam-se. — E n'isto é que não tinham razão os dignos edis do seculo 13.<sup>o</sup>

O filho de Sancho I determinou-se a demorar por alguns dias a cerimonia da corôação. Segundo o costume de Hespanha queria receber o sceptro perante o clero, nobreza e povo. Em quanto os bispos, os abades, os ricos homens, e os cavalleiros, obedecendo ao seu aviso, se ajuntavam em Coimbra, empregava elle os momentos de ocio em visitar as terras e castellos proximos. Foi sempre um monarcha previsto e seguro o sr. D. Affonso II, como a historia do seu reinado attesta!

Depois de el-rei passar, uma scena, digna de atrahir a attenção dos populares, offereceu-lhes saboroso espectaculo na praça de Almedina.

O caso succedeu assim.

D. Sancho I, (Deus se compadecesse da sua alma!) foi um soberano economico, olhando muito para as moedas das suas arcas. O thesoureiro que tinha, israelita como Rothschild, unia ao sangue judaico o sangue africano de uma formosa moura, que seu pae, o rabbi Judas, elevou de escrava querida á gloria do thalamo pharisaico. Filho unico e mestiço d'este matrimonio, mestre Zacharias Zuleima exercia as suas funcções com o zêlo mordente do rato, que a fabula descreve no ouco do queijo. Vendo inchiar o erario Sancho não se deu ao cuidado de syndicar a razão do milagre. Contentou-se com os fructos, e por elles applaudiu o systema. Ainda hoje ha muito quem pense e diga o mesmo. Por isso longe de perturbar o zeloso D. Zuleima no exercicio das suas rapinantes funcções, afagava-o, e protegia-o. Chega-te a boa arvore e boa sombra terás!

O povo porém não era do mesmo voto. Vendo a sua bolsa phtysica, e os cofres reaes hydropicos, percebeu que a sanguessuga que lhe chuchava o sangue até ao soro, se chamava Zacharias, e lavrou-lhe conta e espera no livro mestre dos seus odios. Mas a consciencia do thesoureiro era consciencia de exacto, negra como a alma de Poncio Pilatos; assarapantando de garatujas abominaveis os livros do erario, no sacco de couro suspenso ao cinto da aljubeta (1) trazia um escriptorio portatil, capaz, diziam os seus inimigos, de deitar a perder dentro de minutos tres casas catholicas de bom viver.

Em quanto viveu Sancho I as proezas de mestre Zacharias correram impunes; mas a vindicta publica assentava a divida, e accumulava os juros. O thesoureiro fôra nomeado ovençal (2) nos ultimos tempos; e n'este cargo lucrativo vexou com uzuras escandalosas os homens livres, que traziam aforados os reguengos, ou terras do rei. Entre tanto, como de pragas e maldições engordam os máus, D. Zuleima consolava-se da impopularidade, revolvendo na sala do thesouro as pilhas luzentes de ouro e prata, que exprimia da algibeira espirante dos rendeiros. Deve-se-lhe a justiça de reconhecer que tinha artes para tirar dinheiro até de um madeiro velho.

O amavel judeu ainda não fizera cincoenta annos. Baixo e grosso, mas nada gordo, apresentava aos queixosos uma cara menineira, faces rosadas, testa calva e luzidia, e dous olhos muito vivos e brilhantes. A voz de um timbre suave, mettia a todos no coração; o riso não se lhe despegava da bôca. As maneiras, cortezes e palacianas, eram tão insinuantes que lhe chamariam santo se não descendesse de Cai-phás. Vestia uma aljubeta de sarja amarellada, cujas mangas da largura de um covado caíam abertas dos lados. O albornoz escuro, e o gorro do feitio de meio turbante, completavam o seu trajo, sempre aceiado, e nunca rico nem vistoso.

O demonio é menos feio do que o pintam. O ovençal de el-rei excedia o proprio Annaz na sciencia do talmud; e na da usura sabia mais que todas as tribus do seu povo. Nos conselhos, que dava, (era a unica coisa que fazia de graça!) achava-se o cunho da prudencia mais consummada. De uma avareza intelligente farejava os bons negocios; removía céu e terra para entrar n'elles; entalava se podia seus irmãos em Moysés; e com os lucros em seguro, ria-se, esfregando as mãos, dos que perdiam, e chorava com pena dos que ganhavam. De palavras mansas, sempre armado de planos admiraveis, adivinhava o sol e a chuva, o bom e o máu tempo, como os capuchos hygrometros. Antes das catastrophes enfiava o capuz e fulminava os que estavam para cair... Era fatidico, como o piar do môcho, como o uivar do cão, o seu vaticinio. Casa, que elle agourasse arrebatava d'alto o baixo como uma abobara estourada.

D. Zuleima tinha lido com fructo a *Biblia*. Não ignorava a amizade, que lhe mostrava o povo, e acautelava-se para não morrer nas suas garras. Por empréstimos seguros e onerosos, feitos com apparente liberalidade, contava nos principaes senhores da corte protectores para a adversidade. Novo Noé contava boiar em cima das aguas do diluvio; confiando que, secca a terra, havia de descer e pôr-se á direita do vencedor, se os ares estivessem serenos, e a plebe mausa.

Em quanto durou a doença do monarcha o honrado Zacharias, na torre albarran, (1) fez vigilante sentinella aos seus maravediz. (2) Depois da morte de D. Sancho conservou-se ainda á sombra alguns dias. O primeiro e o segundo não lhe custou; o terceiro foi mais difficil; mas o quarto... em que se vencía o prazo de arrecadar?! o quarto era impossivel passal-o mettido entre duas paredes!

A prudencia dizia-lhe: — "D. Zuleima, meu amigo, a gente não sabe quem lhe quer mal; temos inimigos. Deixa-te ficar; o povo anda alterado, e a tua vida não ha dinheiro que a pague." A avareza porém gritava-lhe de outra parte: "Medo e fortuna não cabem n'um cesto. Quem não arrisca, não ganha. Zacharias Zuleima, como a pobre Ruth, vae respigar ao campo, senão os pardaes levantam-te o trigo."

N'este pleito entre a prudencia e a avareza, venceu a usura. Invocando Moysés e a toura, o judeu pôz o pé fóra do seu ninho, atravessou a levadiça do castello, investiu com o bairro coutado dos ricos homens, e achou-se em plena cidade. Até ali tudo foram sopas de mel; e o nosso amigo já respirava menos mal. Perto da Portagem um estafermo verde-negro, corcovado e côxo psalmeava de dia, e resonava quasi de noute umas coplas de pé coxo aos mi-

(1) Vestidura arabe mais curta, que a aljuba talar dos mouros, com mangas largas.

(2) Cargo administrativo e fiscal, que tinha nas suas attribuições cobrar as rendas dos dominios reaes.

(1) Torre aonde se arrecadavam os thesouros reaes.

(2) Maravedi ou morabitino era uma moeda de ouro ou de prata, que muito corria nos primeiros seculos da monarchia.



lagres de S. Domingos de Silos. Esta cégarrega era um dos melhores freguezes de pragas contra D. Zuleima: Caminhando com cautela, o thesoureiro descobriu o mendigo com os joelhos á bôca, cabeceando

ao compasso da ultima nota estrangulada pelo somno, n'um paroxismo melodico do orpheu maltrapilho. O rouxinol tinha adormecido ao som dos proprios gorgeios!  
(Continúa.)



A ESPERANÇA. (1)

O ANTIGOS erguiam templos á esperanza. Em algumas medalhas é representada sob a figura de uma gentil donzella, com uma flôr na mão. Em um baixo-relevo figuraram-na em pé, corôada de flôres, poitando a mão direita em uma columna, e na outra empunhando um feixe de espigas.

Niecamp affirma que na lingua tamoul não se en-

contra uma unica palavra que exprima a idéa de esperanza. Mas quem pôde acreditar-o? As nações como os individuos vivem de desejos e de esperanças. Que existencia tão miseravel, tão cortada de amarguras não allumiará essa tenue luz divina que esplendia no fundo da boceta de Pandora?

Sempre viçosa a esperanza, como o amor, é tão velha como o mundo.

O sentimento da esperanza tem relação intima com o que ha de mais delicado, e de mais ideal na vida intellectual; por isso quasi que não ha poeta que a não tenha celebrado em seus cantos.

(1) O formoso quadro que a nossa gravura representa existe no museu do Louvre, em Paris, e é obra do insigne pintor Annibal Carrache.



A esperança finalmente, esse sentimento dulcíssimo que a igreja christã conta no numero das suas mais augustas virtudes, inspirou o ultimo e porventura o mais primoroso capitulo da bella obra do sr. conselheiro Bastos — *Os Discursos ou Meditações Religiosas* — que um grande poeta nosso e maior cidadão ainda, o sr. A. F. de Castilho, não duvidou chamar — *o livro de ouro*.

Dámos em seguida alguns trechos d'este excellentê livro, que devêra andar nas mãos de todos:

«Amavel companheira da vida, porque veiu a esperança tão tarde occupar a minha penna? Porque cedeu ella o logar a tantos outros objectos, para apparecer no fim de todos elles?

«Depois das fadigas de um longo caminho, qual é o viajante que não folga de entrar n'um valle deleitoso, ainda que n'elle não possa demorar-se muito? de descansar á sombra de suas arvores? de refrigerar-se com a agua das suas fontes? de respirar o aroma das suas flôres?

«Ah! que intoleravel aridez não seria a de nossos tristes dias, se a esperança os não amenisasse? que desalento não seria o nosso, se ella nos não estivesse continuamente animando?

«Ainda nós não havemos saído do berço; e já ella nos amima e aflaga. E quando a morte vem terminar nossa existencia, encontra-a a nosso lado, como a nossa melhor amiga.

«Quem dá a resolução e constancia ao lavrador para fertilisar a terra á custa dos seus suores; ao navegante, para arrostar a sanha e os perigos do mar, senão a esperança? Quem, senão ella, faz supportar ao enfermo a intensidade das suas dôres? ao prisioneiro o pezo dos seus ferros? ao ambicioso mesmo seus penosos sacrificios?

«Alada mensageira, ella percorre o universo por mandado do Altissimo, não deixando cair em sua passagem senão consolações. Penetra nos palacios dos reis, nas moradas dos grandes, nas ricas habitações dos reputados felizes; porém não é ahi que derrama os seus mais suaves perfumes: onde ella os derrama ás mãos cheias, é onde vê a humanidade em luta desigual com a adversidade; é no interior horrivel dos carcereiros; é nos leitos dos enfermos; é em toda a parte, em se appella para Deus das injustiças e das crueldades dos homens.

«Filha porém da fé, não se pense que pôde existir sem ella. A fé é o seu principio, e o seu fundamento. Crer n'aquillo que não se espera, é possível: mas como ha de esperar-se aquillo em que se não crê?

«Ó esperança! alguns te comparam á fresca viração que vem mitigar os ardores de um calmoso dia; á vibração melodiosa que se exhala das cordas de uma harpa; aos raios do sol após a tempestade; á estrella que brilha no firmamento noutes mais sombrias: mas estas comparações são todas mesquinhas; e eu não descubro com que dignamente compararte; nem atino como possa indicar tudo o que tu significas.

«Tu nos juncas de flôres a terra; tu nos tomas sobre as tuas azas pela aerea estrada, por onde devemos subir ao céu; tu nos arrebatas, tu nos elevas, e tu nos não deixas senão quando, associados aos coros dos Anjos, já de ti não precisamos. Ah! qual é o pincel que pôde representar o teu poder: ou a penna capaz de descrever teus beneficios?»

PUBLICAMOS a curiosa Memoria de D. Francisco Innocencio de Sousa Coutinho, escripta em 1779, sobre o estado de algumas das nossas possessões ultra-

marinas, cuja importancia e utilidade elle demonstra em presença da razão e dos factos de um modo que nos parece irrecusavel. Trabalho cheio de noticias e de idéas proveitosas é digno de ser conhecido e consultado ainda hoje. Pelas suas reflexões, amargas (muitas vezes) nota-se que a omissão e a negligencia são erros inveterados na administração colonial dos portuguezes. O auctor não poupa a censura a quem a merecêra, e sabe justifical-a sempre. Quanto aos arbitrios, que propõe, filhos da experiencia, ou inspirados pelo desejo louvavel de engrandecer a patria talvez se figurem arriscados ou impraticaveis; mas antes de os rejeitar absolutamente não será mais justo, comparando os tempos e as circumstancias, vêr até que ponto cumpre attendel-os e modifical-os segundo a medida dos nossos meios actuaes?

O texto foi tirado de um manuscrito, abundante em informações sobre as possessões das duas Africa e da Asia, que não nos consta que tenha sido impresso. O exemplar que possuímos fórma um volume, e pertencia á selecta collecção de escriptos ultramarinos do fallecido sr. Sá. Sem ousarmos assegurar portanto que seja inedito, diremos que empregamos debalde todas as diligencias sem podermos descobrir se a mesma obra em qualquer epocha foi dada á estampa, e entrou no dominio da imprensa. Estamos na opinião de que pela primeira vez viu hoje a luz publica.

Sobre o seu merito nada acrescentaremos. Decidam os homens competentes, que residiram nas terras, de que trata, e colheram das suas viagens cabedal de observações e de conhecimentos praticos. Valgarisando um trabalho d'esta natureza julgámos que faziamos um serviço ás letras e ao paiz. E quanto basta para justificar a intenção com que o inserimos no *Panorama*.

#### BREVE E UTIL IDÉA DO COMMERCIO, NAVEGAÇÃO E CONQUISTA DA ASIA E DA AFRICA.

Mihi autem non minori cura qualis  
Respublica sit hodie, quam qua  
futura sit.

CICERO — DE SENECTUTE.

1.<sup>o</sup> PORQUE ao tempo da minha morte pôde acontecer, que algumas pessoas habeis vejam os meus officios n'esta côrte, e se admirem de que tendo varias vezes offerecido informações sobre os dominios, e sobre o commercio de Africa e Asia, jámais o nosso ministerio respondesse a alguma d'estas proposições apparentemente por me considerarem incapaz de dal-as, visto que ao mesmo tempo destruiu estabelecimentos que eu havia creado, e sustentarei sempre como uteis. Não presumirei jámais, que o zêlo do meu pequeno prestimo o guiasse para preferir-lhe a malicia, com que em contrario eram informadas pessoas que pelas suas respeitaveis qualidades possuíam a confiança da rainha minha ama, e assim para que os que lerem os ditos officios sejam satisfeitos na curiosidade, com que desejarem saber o que eu pensava a este respeito, escrevo esta idéa, e a mando copiar nos livros dos mesmos officios, em que se acham as materias que excitaram a dita curiosidade.

2.<sup>o</sup> É certo que tendo a nação portugueza sido a mestra universal da navegação da Europa, e a que primeiro disfructou todo o dominio primeiro da Africa occidental e oriental e da Asia, que pela desgraça



de el-rei D. Sebastião veio a ser o rico patrimonio dos holandezes, inglezes e francezes, e veio tambem a succeder que depois por principios pouco advertidos se perdesse não só a idéa d'este poder marítimo, e das forças que o podiam sustentar, que por uma parte até o tempo em que Luiz Cantofer, negociante da India, se apresentou em Lisboa apenas ia á Asia a nau chamada de viagem, e tal qual outra de annos a annos, e pela outra parte o marquez de Pombal destruiu as primeiras idéas de uma companhia de commercio, que havia levantado Feliciano Velho, criou tres companhias para o commercio dos vinhos, a de Pernambuco, e do Pará e Maranhão; deu-lhes entre outros muitos privilegios o de ter navios seus com um erro tão prejudicial, como privar os negociantes livres da utilidade dos fretes, e desde logo diminuir pelo mesmo monopolio das companhias a navegação tão necessaria para criar os marinheiros, que devem servir e defender a corôa. Desde logo se manifestou o damno d'aquella pernicioso concessão em toda a sua força, porque a navegação de Pernambuco, Pará, Maranhão e Angola, antes muito numerosa em navios e util nos lucros, se reduziu a quasi nada, como se póde vêr dos livros do consulado da saída, em que se achará uma desproporção tal, que bastaria desde logo em beneficio publico a destruir sem demora as ditas companhias.

3.<sup>o</sup> Posto que sejam hoje conhecidos estes danos, e já remediados pela abolição das ditas companhias, não deixarei de notar que foi tal a sua administração, e tal o abuso d'ambição das pessoas que as governavam, que as duas ultimas companhias do Pará e Pernambuco não ganharam o que o seu commercio exclusivo lhes promettia, e deixaram padecer aquelles povos continuas faltas dos mesmos generos de agricultura de Portugal; e posto que a dos vinhos do Porto lucrou, se deve attribuir este ganho á circulação das tabernas do Porto, e tres leguas em circuito, a qual lhe facilitou os meios de ganhar, que pela sua administração não teria.

4.<sup>o</sup> Acresceram a esta diminuição da marinha o abuso dos governadores d'aquellas regiões, os falsos principios por que se governaram, e muitas das ordens, que se lhe expediam da côrte sem o conhecimento claro do que convinha; por estas causas os mesmos dominios, que deviam fazer toda a riqueza de Portugal, vieram a ser uns esqueletos miseraveis, que nem a si proprios, nem á monarchia utilisavam, e apenas enriqueciam um pequeno numero de particulares interessados nos abusos, que destruiam a monarchia. D'este cahos pois é que pretendi primeiro tirar os dominios das duas Africaes por informações intelligentes, verdadeiras e desinteressadas, e com effeito dei os primeiros passos com grande vantagem na Africa occidental, que governei.

5.<sup>o</sup> Em primeiro lugar nenhum d'estes dominios estão em defesa, e em segundo nenhum da não só o lucro que póde dar, mas nem aquelle que deve conservá-los em força capaz de defesa; constará dos meus officios n'aquelle governo o estado em que achei Angola e Benguella, e constará tambem as magnificas e uteis fortalezas, que levantei e acabei em todas as partes d'aquelles portos; e finalmente se verá que ainda levando o rendimento do commercio d'aquellas compristas ao mais alto ponto que jámais tiveram, e que apparentemente terão, não podia este ser sufficiente a pagar o numero de tropas, que os ditos dous reinos necessitam para a sua defesa, e para as quaes lhe deixava feitas as fortalezas. Imaginei a idéa de uma fabrica de ferro tão util, como se prova da sua qualidade, da necessidade que temos d'elle, do differente preço porque se vende na

America, e da facilidade com que em navios de negros podia ir por lastro, e sem despeza alguma.

6.<sup>o</sup> Posto que sem meios, porque os mestres, que me mandaram, foram primeiro uns biscainhos loucos de que só um era fundidor, e morreram logo pelas suas loucuras, e depois uns serventes da fabrica de Figueiró, e alguns latoeiros de Lisboa, levei todos os edificios da fabrica ao ponto de perfeição, e pela falta de umas pedras para o cadilho não trabalhou no meu tempo. O meu successor, cujas qualidades e intelligencia dirá Angola, persuadido do homem mais inutil e prejudicial ao serviço da rainha nossa senhora, se oppoz a este grande estabelecimento, e depois associado com outro que vinha para Lisboa, e a quem deu dinheiro, prostituíram de maneira as informações que deram ao nosso ministerio, que fizeram passar por impossivel, respeito ao clima, um estabelecimento tão util, que só elle era capaz de sustentar em grande força de defesa todo aquelle reino; como se contra o argumento do clima não houvesse, em primeiro logar a certeza de que muitos homens da Europa, no mesmo logar, e em todas as suas visinhanças vivem, e até o mesmo que assim informava contra o clima; e como se não bastasse, que um ou dous mestres habeis resistissem um ou dous annos para deixarem enraizada aquella arte nos naturaes do paiz, e nos negros; sendo, que o projecto era concebido na idéa de fazer todo aquelle serviço por escravos, que Sua Magestade comprasse, que cazasse e estabelecesse no mesmo logar, como fizeram os jesuitas por seculos em todos os estabelecimentos que tinham n'aquelle mesmo paiz. Estou tão convencido da verdade dos factos, e da maldade dos interessados das informações, que sei muito bem a pena que mereciam os informantes que causaram tão excessivo mal ao serviço da rainha nossa senhora.

7.<sup>o</sup> As cartas geographicas que comparei com as informações veridicas que tive, nil successos em commercio, e em fim encontros de escravos irmãos e parentes resgatados por Moçambique e por Benguella, me fizeram crer que o terreno inculto e fechado, que jaz entre as conquistas mais avançadas dos Rios de Sena e de Benguella, era muito pouco e insignificante n'aquellas regiões, e me fez nascer a idéa de aproveitar o muito ouro que ha nas minas d'este terreno, e que se vae perder na Asia, encaminhando-o para a Europa pela abertura e trato das gentes d'aquelle dito terreno com as de Africa occidental; não julguei eu difficil a abertura feita em tempo proprio e com força competente, mas temi a difficuldade da conservação, logo que as tropas se retirassem, e segui o caminho de fazer povoações ao longo dos rios, reduzindo a ordem aquelles vagos e dispersos habitantes do sertão, para que pouco a pouco facilitassem o commercio, a abertura e communicação d'aquelle terreno, e fortifiquei Benguella, não só porque é um ponto certo de toda a navegação occidental, mas porque esperava que fosse a capital de um grande emporio de commercio.

8.<sup>o</sup> Depois com o concurso das náus da India, que vieram a Angola, e com o trato de pessoas habeis e verdadeiras vim a ter as informações mais exactas, que é possivel de toda a costa oriental, e dos nossos importantissimos dominios n'aquella região, e sem me cansar agora na relação de todos os effeitos de um máu governo, como o que tem soffrido, me contentarei com indicar n'este plano os meios de remedial-os, e evital-os para sempre; deduzirei de todas estas informações o projecto que fiz de uma companhia para a Asia, e para a Africa oriental, a mais necessaria, e a mais util de todas quantas se podem imaginar, e pela ordem d'ella se remediará o



reino de Moçambique, Rios de Sena e mais portos da costa, e se fará o commercio de Asia em possibilidade e segurança; pois que não é commercio que se possa fazer por particulares; ao mesmo tempo direi quaes são os meios por que pódem florecer os restos, que ainda temos na mesma Asia, e que são importantissimos, se os conhecermos e aproveitarmos.

9.<sup>o</sup> Sei com toda a certeza que a grande falta de homens faz na Africa oriental peiores males do que na Africa occidental, que presenciei e que conheço perfeitamente; sei que por um acto de humanidade bem conforme o regio e compassivo coração da rainha nossa senhora póde haver estes homens, e póde resgatando-os da morte fazer de muitos uteis e grandes cidadãos. Ouvi a um religioso sabio e verdadeiro, que frequentes vezes ía á cadêa do Limoeiro confessar, que certamente morriam por anno mais de quinhentos presos, que muitos pereciam pela miseria a que os tinha reduzido a longa prisão, e a sua extrema pobreza; logo fica claro que todas as vezes que houver uma providencia capaz de separar facile e summariamente os primeiros, e como taes leves crimes, dos atrozês, e que deixando estes ao arbitrio da justiça no curso ordinario e lenfo dos processos, ordene a pena dos outros para a população de Africa e de Asia em tempo certo, justamente se concordará a segurança publica com as obras da população necessaria.

10.<sup>o</sup> Para este fim pois é necessario conhecer em primeiro lugar, que as visitas dos regedores são insufficientes; a sua grande auctoridade as faz raras e de pouco ou nenhum effeito, e depois os ministros de justiça costumados a proceder por longas formalidades não concordam o bem do estado, a utilidade da conservação da vida do homem, e o exemplo publico; e assim desejaria que havendo uma pessoa intelligente, e encarregada d'esta população de Africa, o qual fosse na companhia do regedor ou do intendente geral da policia, ou de qualquer ministro de letras que Sua Magestade auctorisasse a este fim, e que servisse a proteger todos os infelizes, que não merecessen pena maior, e que immediatamente os separasse para povoadores, e então tomasse conta d'elles, e os remetteste para a Trafaria, assistidos de todo o necessario até embarcarem, que d'este modo se arrancariam da sepultura infinitos homens uteis, e d'estes muitos poderiam ser com o tempo grandes homens. Os primeiros leves crimes separados dos velhos malfitores se remedeiam facilmente; pelo contrario na companhia dos outros e sujeitos aos horrores da miseria, ou morrem, ou se corrompem inteiramente nos corações.

11.<sup>o</sup> D'este principio sairá seguramente todo o bem da costa oriental de Africa, e tambem da occidental, porém como agora só escrevo da primeira, passarei a explicar o que em si é, o estado em que se acha, e a possibilidade que tem de dar infinitas riquezas a Portugal. Moçambique é a cabeça d'este rico estabelecimento, e que servindo de escala ás náus da India, recebe ou deve receber todo o commercio da costa e da terra firme, porém tão mal governada depois de seculos, que é o centro dos abusos mais crueis, sem os quaes seria impossivel que um governador vivesse com o soldo que tem, e muito mais ajuntasse dinheiro; por estes abusos pois succede, que não só toda a riqueza que produz aquelle dominio passa aos gentios de Asia, e aos francezes; mas que se impede a extracção das maiores riquezas para Portugal.

12.<sup>o</sup> Sendo toda a minha idéa fundada em uma companhia para Moçambique e Asia, irei ligando os principios por que ambas as regiões devem facilitar o

seu commercio no restabelecimento necessario, de fórma que ambas possam a um tempo florecer, e animar-se tanto quanto pódem; para este fim é necessario começar por tirar-lhe todos os entraves que difficultam a população e estabelecimento de gentes uteis e ricas em commercio; pois que d'outro modo elle é impraticavel, e aconteceria que quanto fosse melhor a extracção dos generos da Asia para a Europa tanto utilisaria os estabelecimentos estrangeiros, e arruinaria de todo os nossos na Asia; para este fim pois, regulada a companhia na fórma que direi no artigo deve só ter o privilegio exclusivo para só ella commerciar do cabo para fóra; porém dentro do mesmo cabo deve ser como qualquer outro negociante que vae a Asia ou a Africa, e de mais deve ter a differença de que não poderá fazer este commercio em navios proprios, e só emfretados a particulares, e de nenhum modo segurar as suas cargas a particulares do mesmo reino, e quando o julgar necessario aos seus interesses, segurará fóra do reino, e jámais no proprio paiz.

13.<sup>o</sup> Não considero inconveniente algum que os gentios tenham nos portos de Dio, Damão e Goa um logar separado em que vivam nas suas seitas, e tenham os seus pagodes, assim como em Roma têm os judeus o seu Gueto, e em outras muitas cidades da Europa, e tanto não considero nem inconveniente, nem máu exemplo, que ao contrario só assim se poderiam esperar voluntarias algumas conversões ao christianismo; e quando se dissesse ao contrario, que alguns já convertidos teriam a facilidade com o exemplo de voltar aos seus erros, nem o Santo Officio perderia o direito de castigal-os, nem ainda escapando perderia a religião nada, porque o que voltasse á pratica publica dos mesmos erros, certamente não era christão verdadeiro; e depois porque se estes gentios não tivessem outros logares na Asia em que praticar os seus ditos erros, estava bem que nos nossos não pudessem pratical-os; mas se por todos elles pódem estar em inteira liberdade, nos privamos nós do bem do commercio sem fazer algum adiantamento ás suas conversões.

(Continúa.)

#### JUÍZO DO ANNO.

De esperanças e desenganos foi tecido o anno: grinalda em que tantas mãos puzeram flores... e que para logo se viram murchar; estadio, cuja carreira tantos principiam; porém quantos mallogros, quantas illusões desfeitas, quantos risos convertidos em lagrimas!

Mas que tem ouvidos descuidados em festas; que tem corações que só batem para jubilos, que tem pensamentos que se embalam em delicias, que têm olhos que se alongam para horisontes de gloria, dirão todos os felizes, que temos nós com o *sic transit gloria mundi!*?

A verdade, uns a pintam serena, augusta, innocente, e despida de alfaias e atavios; ai, que se ella se mostrasse tão gentil, tão formosa sempre, quantos a não abraçariam? quem a não disputaria, ainda a prego de tudo que em mil annos se póde phantasiar? Mas não é assim. Candida como assucena a deveram figurar; entretanto, com seu fel, com sua amargura, como tantos balsamos salutiferos, que na selva são flores e escutam gorgeios de passaros, e que ao moribundo, ao que padece feis e amarguras, por entre amarguras tambem, dão vida e resurreição.

Em que param o barafustar de paixões...



cioso lidar de muitos, o planear de tantos, os desdêns do galanteio, as seducções do prazer, as invejas do mesquinho, os orgulhos do insensato, as vaidades do poderoso, a avidez das conquistas, os vaevens da fortuna, a cubiga dos triumphos, as fadigas da industria, os esforços da imaginação, o accumular dos haveres, os desperdícios da opulencia, as lucubrações do estudo; ousadias, arrojos, suspeitas, traições, benevolencias, merecimentos, despresos, amores. . . Interrompe-se tudo por uma irrevogavel recitencia.

Depois, lá vem a poesia verter algumas doguras nas fezes do calix; lá vem a contemplação que se converte em philosophia; a saudade que encontra alivio em lagrimas; o recolhimento que chama por essa mensageira de consolações, a esperanza; a resignação que nos mandou a fé; a caridade, que nos compra o céu!

O amanhã sorveu o dia de hoje; o passado apenas lembra; o presente não existe senão nos infinitamente possíveis. . . . .

E o juizo do anno? Era mister fazer as honras fúnebres ao que findou. Tragou-se-lhe o necrologio. . . a parte biographica, soube-a elle melhor do que ninguém!

A terra lhe seja leve.

Antes se deveria dizer: o futuro *lhe seja leve*. Amanhã pertencerá ao que foi; mais cinco minutos e o novo anno, desabrochará, tal qual nos está destinado, d'entre as nevoas d'uma fusca madrugada de janeiro, triste como um dia de eleições, pallido como um adeus de Byron, amarello como uma flôr de quaresma, mysterioso como uma folha sybillina, carregado como os hombros de um Titan, chôcho como um folhetim!

Mais cinco minutos e com elles as boas-festas, as estreias, o presente, (n'este todos acreditam) o scismar no que está por vir, o recommegar de novas lidas, o preparar para os mesmos cuidados, o cuidar nas mesmas cousas.

E o juizo do anno? Tendes razão, estimavel leitor; a vossa impaciencia é justa. Dir-vos-hemos a verdade: a influencia planetaria, já não regula a terra; o juizo é cada vez mais fallivel. Fazel-o, é pouca possivel: tel-o, ainda mais raro; effectivamente, ter um juizo do anno, quem o pôde? comtudo, cada um o fórma a seu gosto, cada qual faz no dia-de-anno-bom o melhor *borda d'agua* que lhe lembra.

A dama, que por fragrancias de toucador, e devanear de formosa, lhe occorrer, entre os sonhos em que lhe esparece a imaginação, que a sua primavera vae augmental-a com mais um abril, comporá de mil delicias o seu anno novo.

O poeta, que lhe estiver aprimorando o ultimo verso no album officiosamente pedido, para se lhe depositar mais um segredo para todos lerem, mais uma saudade que nunca se sentiu, mais um suspiro que a penna escreve; o poeta, dizemos, esse feliz do século para quem a poesia são versos, e os versos empapeladas phrases de convensão, esse, lá estará imaginando o mais favoravel, o mais risinho de quantos juizos do anno se pôdem lêr nos astros.

O jornalista, desses que acordam com a mesma atrabilis postica com que adormeceram, em quanto não mostra, a luz do novo anno, outra vez o seu mau genio, lá irá voluptuosamente entretecendo uma serie de syllogismo feiticios, com que forme tambem o seu prognostico.

O recém-deputado. . . ai que lindos projectos lhe passam pela phantasia! Se podesseis, como elle, deliciar-vos com o que a esta hora está vendo, cairieis

de arrobamento, na beatifica contemplação de muita reforma util, que a sua eloquencia virgem vae por isso mesmo conquistar ao parlamento. Supponde por um momento, que tem diaphana a cabeça; espreitae; que vêdes? um discurso em embrião, e já cuberto por um chuveiro de microscopicos apoiados! Esse tal, nem sentiu dar meia noute. N'aquelle extase de maravilhas passou as fronteiras do novo anno.

Aquelle *groom*, que descanta á guitarra, por baixo das vossas janellas, que faz? Lá descobriu nos caminhos de ferro um logar decente, vê um *ménage*, sonha de boa fé.

O artista novel que tem os seus amores, a maior porção do seu *elle* na exposição, lá descobre nas azas d'um sonho nobre uma medalha de honra, lá vê uma nuvem de admiração publica. . . pulsa-lhe o coração, protesta exceder-se, jura aos seus deuses, jura ás sombras dos Corregios e dos Raphaelis, não transpôr em vão os umbraes d'essa Iris, cujos mysterios elles traduziram.

O que moirejou a agiotar todo o anno, que vê? Uma neblina de implacaveis algarismos, que até o sol lhe toldou; não vê nada!

Para specimen basta; para que é mais?

O nosso, não é tão lyrico, não é tão bello, não aspira tantas illusões, não é fadado para tantas sympathias. Eil-o: Haverá tresentos e sessenta e cinco dias de amanhã, para que se addiem tresentas e sessenta e cinco mil cousas, que pela maior parte ficarão por fazer-se.

Então não era tão prosaico? . . .

Lisboa, 31 de dezembro de 1852.

L.

— Em as culpas dos principes julga sempre o povo terem mais parte os validos que os mesmos principes, e sempre o povo deseja mais vêr castigado o conselho, que o que mandou.

VIEIRA.

Assigna-se para este semanario: em Lisboa, no armazem de livros do Editor, rua do Ouro, n.º 227 e 228, e nas lojas dos sr.ºs Lavado, rua Augusta, n.º 8, Bravo, rua do Ouro, n.º 212.

São correspondentes do *Panorama* no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Braga, o sr. Freitas Guimarães; em Santarem, o sr. José Firminio d'Azevedo Pereira; em Setubal, o sr. Manoel José Ferreira; na Ilha de São Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria e Valle; e na Ilha da Madeira, o sr. A. J. de Araujo.

Preços: — Por anno ou 52 n.ºs 1,300 rs. Por semestre ou 26 n.ºs 700 rs. Numero avulso 30 rs.

Os sr.ºs que desejarem subscrever para o anno de 1853 queiram declaral-o quanto antes, em Lisboa, aos distribuidores, ou nos logares acima citados, e nas provincias aos correspondentes, ou *por carta franca de porte*, dirigida ao Editor, e acompanhada de uma ordem da respectiva importancia.